

Juventude e participação social: comunicação e justiça climática para ensinar a transgredir¹

Criselli Maria Montipó²
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Resumo

A presente pesquisa em andamento (2023-2024) é centrada na construção de metodologia participativa para o enfrentamento da emergência climática em Curitiba, Paraná, Brasil. Concebida e executada de forma conjunta, entende-se que a comunicação e a educação ambiental ocupam espaços importantes para a construção de respostas, como foco em justiça climática. O público envolvido é composto por 20 estudantes do Ensino Médio (entre 14 a 18 anos), de duas escolas de áreas de risco climático. A estratégia metodológica conta com oficinas de sensibilização e comunicação sobre meio ambiente, direitos humanos, cidadania e justiça climática.

Palavras-chave: Comunicação; juventude, sensibilização; participação; justiça climática.

Comunicação e justiça climática

Centrada na interação de saberes com a comunidade, as ações de sensibilização e conscientização para o enfrentamento da emergência climática exigem esforço de diálogo horizontalizado. Diante do atual cenário de crise do clima, as sociedades têm o dever de cuidar das populações mais vulneráveis, em especial de jovens e crianças. Conforme o relatório elaborado pela Unicef, *A crise climática é uma crise dos direitos da criança*: apresentando o Índice de Risco Climático das Crianças (2021), aproximadamente 1 bilhão de crianças e adolescentes, quase metade dos 2,2 bilhões de jovens e crianças no mundo, vivem em um dos 33 países classificados como de risco extremamente elevado aos efeitos das mudanças no clima.

Segundo Grandisoli, Bellaguarda e Moraes (2021), esses jovens já enfrentam, ou enfrentarão, uma combinação complexa de efeitos climáticos associados a fatores que aumentam a vulnerabilidade e citam a falta de acesso à água, ao saneamento, à saúde e à educação como principais impactos na vida dessa geração, como já acontece no Brasil com os eventos extremos, secas e inundações de Norte a Sul do país.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e sustentabilidade: ambiente, organizações, sociedade, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR. E-mail: criselli@gmail.com.

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa em andamento (2023-2024) é articular iniciativas comunicativas e de educação ambiental construídas a partir da escuta de jovens em áreas de risco climático, de modo a contribuir no processo de sensibilização e conscientização, com foco na justiça climática. Os objetivos específicos são: a) mapear comunidades escolares em vulnerabilidade socioambiental e risco climático; b) levantar as estratégias adotadas pela juventude para enfrentamento da emergência climática em Curitiba (PR); c) possibilitar reflexões da juventude sobre meio ambiente, direitos humanos, cidadania, participação social e emergência climática; d) promover oficinas com adolescentes para apropriação de possibilidades comunicacionais para sensibilização e divulgação sobre emergência climática; e) estimular o protagonismo jovem dos grupos sociais vulnerabilizados na produção de conteúdos narrativos sobre justiça climática.

Aqui, a justiça climática é compreendida como movimento global para que investimentos para o enfrentamento à emergência climática sejam compatíveis com as responsabilidades e condições de respostas à crise (Neiva; Cárcamo; Mantelli, 2023). Já a importância de atuar com adolescentes em áreas de risco climático se dá porque ações coletivas juvenis articulam-se a partir dos locais de moradia e de questões ligadas à urbanidade (Ferreira e Magalhães, 2010), tendo a cidade como espaço preferencial da participação juvenil.

Metodologia: construção crítica e participativa

A presente pesquisa apropria-se do método qualitativo para compreender experiências e práticas das pessoas, já que se manifestam nas visões e no cotidiano das pessoas participantes. Outra característica da pesquisa qualitativa, valorizada na escolha dessa perspectiva, é a de que, conforme Bauer, Gaskell e Allum (2015) trata-se de uma abordagem intrinsecamente crítica e potencialmente emancipatória.

Dentre as inspirações para a construção metodológica, há a pesquisa “Pacto Mundial de Jovens pelo Clima” (em inglês: *Global Youth Climate Pact*³). O estudo referencial tem coordenação científica internacional do professor e pesquisador francês Alfredo Pena-Vega⁴ e, no Brasil, com coordenação da professora Izabel Petraglia⁵. A

³ Disponível em: <https://www.globalyouthclimatepact.org> e desenvolvida em 30 países, 141 estabelecimentos de ensino e 5 mil estudantes participantes, segue em andamento.

⁴ Centro Edgar Morin/CNRS da EHESS, Paris, França.

⁵ Universidade Metodista de São Paulo (Umesp); Grupo de Estudo e Pesquisa em Complexidade (GEPEC).

investigação internacional busca compreender como os fenômenos climáticos são representados e como esses jovens se articulam e podem contribuir para as discussões sobre aquecimento global.

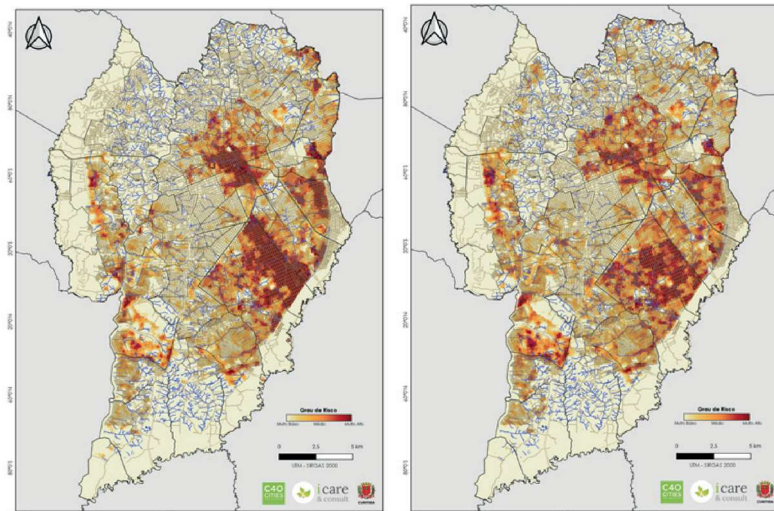
Outra inspiração teórico-metodológica da presente pesquisa é a dialogia freireana. Aderente ao princípio de autonomia, defendido por Paulo Freire (2019), e em atenção aos pressupostos da comunicação, o mapeamento das estratégias adotadas por grupos vulneráveis para enfrentamento da emergência climática está sendo realizado por meio de pesquisa-ação com estudantes situados nas regiões de maior fragilidade de Curitiba. O desenho das fases pode ser sintetizado como: 1ª etapa - Mapeamento e seleção; 2ª etapa – Escuta dos jovens; 3ª etapa - Reflexão sobre justiça climática; 4ª etapa – Realização de oficinas.

O ciclo inicial procura mapear as comunidades em situação de risco e suas estratégias. A metodologia dialógica busca respeitar “o saber de experiência feito” de que menciona Freire (2019), ou seja, valorizar os saberes existentes nas comunidades, a partir da identificação de suas potencialidades e de suas fragilidades.

O documento *Avaliação de Riscos Climáticos da Cidade de Curitiba (2020)* evidencia as regiões com alta probabilidade de ocorrência de uma ameaça (deslizamento, inundação, alagamento ou ondas de calor), que situam espaços urbanos vulneráveis. Estes espaços se encontram expostos por possuírem muitos ativos materiais e densidade populacional, o que define tal região como de alto grau de risco climático associado, especialmente pela presença de rios canalizados que cortam grande parte da cidade.

Os mapas de riscos climáticos para inundações e alagamentos em Curitiba demonstram projeções para o ano de 2030 e apresentam similaridades, especialmente para as regiões central, leste e sudeste da cidade. No que se refere aos riscos climáticos para ondas de calor e deslizamentos, acrescenta-se a região norte curitibana.

Figura 1- Mapas de riscos climáticos para inundações e alagamentos em Curitiba - 2030



Fonte: Curitiba (2020)

O cruzamento dos mapas permitiu selecionar dois colégios estaduais em regiões de alto risco climático nos bairros Cajuru e Boqueirão que oferecem Ensino Médio. As instituições foram selecionadas segundo os critérios de distribuição demográfica, em consonância com as projeções da prefeitura, e a partir da adesão voluntária das equipes de gestão, além da autorização da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da Universidade Federal do Paraná (UFPR)⁶.

Espaços sociais de construção coletiva

Durante os ciclos de escuta dos jovens e de reflexão sobre meio ambiente, direitos humanos, cidadania e emergência climática, o foco da pesquisa-ação centra-se na compreensão dos sujeitos de pesquisa como agentes sociais, empenhados em identificar e desenvolver soluções coletivas para problemas da realidade social a que pertencem. Trata-se da pesquisa-ação-participativa, na qual a ciência é produzida levando-se em consideração a construção de conhecimentos úteis para causas necessárias (e urgentes), descobrindo-se outros tipos de conhecimentos mais amplos e complexos, populares e científicos, aplicados à realidade da população (Fals Borda, 2008).

A presente pesquisa-ação hibridiza-se com a realização de discussões coletivas. O emprego do grupo focal transpassou fronteiras de áreas de conhecimento e passou a ser

⁶ A pesquisa foi submetida ao CEP-CHS da UFPR sob o número CAAE nº 77446424.1.0000.0214 e aprovada com o Parecer número 6.750.424.

aplicado em diversos campos e perspectivas (Gatti, 2015). O método traz contribuições à compreensão de temas e problemas diversificados, como nas áreas da educação e da comunicação. O desenho metodológico da pesquisa-ação propõe oito encontros em cada colégio, sendo o primeiro de apresentação da proposta e convite para a participação do grupo-focal. As duas rodadas de grupo focal foram realizadas nos encontros iniciais. Os demais encontros contam com a realização das oficinas semanais, em contraturno.

As estratégias da análise dos resultados serão combinadas de forma semiestruturada. Os procedimentos metodológicos contam com recursos da análise crítica da narrativa (Motta, 2013) e da justiça climática. Conforme Motta (2013) a análise da narrativa é apropriada para estudar a construção e instituição simbólica da realidade. Na hibridação aqui adotada, a análise narrativa busca focalizar o poder de voz dos jovens.

Construído de maneira coletiva, o projeto é avaliado gradualmente ao longo do processo, para que todos os agentes sejam parte de sua condução e possam se manifestar a partir de uma postura dialógica. Trata-se de uma proposta de pedagogia engajada (hooks, 2017), em que estratégias de comunicação e justiça climática estejam alinhadas.

Além de possibilitar a integração e a autonomia de sujeitos políticos impactados pela crise climática, a proposta busca também colaborar com os processos de informação, educação, comunicação e participação social, necessários no contexto das mudanças climáticas e seus efeitos desiguais nas comunidades vulneráveis. A informação possibilita o monitoramento e o controle social acerca da questão climática.

A proposta da presente pesquisa-ação busca fomentar participação popular, acesso à informação e incentivar a luta por justiça climática. Para isso, é necessário criar novas maneiras de saber, partilhar e construir conhecimento. Como já alertava bell hooks (2017), não poderemos enfrentar a crise se pensadores críticos e críticos sociais progressistas agirem sem considerar a educação como prioritária. Temos de ter coragem de transgredir, apesar do cenário que se apresenta. Precisamos, como sugeriu a educadora, filósofa e ativista, compreender por quais meios podemos nos engajar coletivamente em uma resistência capaz de transformar a realidade.

Considerações finais

Jovens são diretamente interpelados pelos incidentes climáticos em um futuro próximo e, infelizmente, duradouro, causado pelo aquecimento global, portanto, não



podem ser excluídos das discussões e das ações de resiliência e transformações necessárias (Pena-Vega, 2023).

Quanto maior o conhecimento da sociedade sobre a mudança do clima, maior poderá ser seu engajamento para cobrança e alcance dos objetivos. Além disso, devido à facilidade crescente de acesso das plataformas digitais pela sociedade, a apropriação comunitária qualificada de possibilidades comunicativas a partir desses suportes, pode colaborar na sensibilização da questão ambiental. Na educação como prática da liberdade e na pedagogia engajada (hooks, 2017) há espaço para construção coletiva, em que palavras são ações que transgridem regras e transformam realidades.

Referências

- AVALIAÇÃO DE RISCOS CLIMÁTICOS DA CIDADE DE CURITIBA. **Prefeitura de Curitiba**. Disponível em: <https://mid.curitiba.pr.gov.br/2020/00305799.pdf>. Acesso em 3 maio 2023.
- BAUER, Marin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesse do conhecimento. Evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- FERREIRA, Giovandro Marcus; MAGALHÃES, Daniella Rocha. Juventude e comunicação: pluralidade e diversidade social. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de. **Comunicação, cultura e juventude**, v. 1. São Paulo: Intercom, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 59ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GATTI, Bernardete Angelina. Grupo focal: fundamentos, perspectivas e procedimentos. In: RICHARDSON, Roberto Jarry (Org.). **Metodologias Qualitativas: teoria e prática**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015.
- FALS BORDA, Orlando. Orígenes universales y retos actuales de la IAP (Investigación Acción Participativa), **Peripecias**, n. 110, 2008 [1999], p. 1-14.
- GRANDISOLI, Edson; BELLAGUARDA, Flávia; MORAES, Renata. A emergência climática e as novas oportunidades para as juventudes. In: GRANDISOLI, Edson; TORRES, Pedro Henrique Campello; JACOBI, Pedro Roberto; TOLEDO, Renata Ferraz de; COUTINHO Sonia Maria Viggiani; SANTOS, Kauê Lopes dos. **Novos temas em emergência climática** [recurso eletrônico]. São Paulo: IEE-USP, 2021.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- NEIVA, Júlia; CÁRCAMO, Anna Maria; MANTELLI, Gabriel. **Impulsionando a ação climática a partir dos direitos humanos**. Instituto Clima e Sociedade. Conectas Direitos Humanos, 2023.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- PENA-VEGA, Alfredo. **Os sete saberes necessários à educação sobre as mudanças climáticas**. São Paulo: Cortez Editora, 2023.
- UNICEF - United Nations Children's Fund. **The climate crisis is a child rights crisis - Children's Climate Risk Index (CCRI)**. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/reports/climate-crisis-child-rights-crisis> Acesso em 1 set. 2023.